



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 31/08/18

BRASIL	2
Precios de la hacienda se afirman por escasa oferta y buen ritmo exportador	2
CANADA: con próxima visita mejoran las chances de su apertura	2
Auditoría chilena visita establecimientos	2
Integran red de laboratorios oficiales y acreditados	3
Publican protocolo para el monitoreo de residuos de medicamentos veterinarios	3
Paraná pidió dejar de vacunar contra la aftosa en 2019	4
Evalúan los límites de la zona libre de aftosa sin vacunación de Mato Grosso en 2019	4
Lanzan comité de prevención de Aftosa	4
Camex aprobó el fin de los derechos de exportación sobre cueros wet blue	5
Turquía afirma haber encontrado carbunco en animales importados del Brasil	5
Acuerdo UE – Mercosur reunión en Brasilia de los Ministros de Agricultura	6
URUGUAY	6
El precio del novillo gordo sigue bajando	6
Frigoríficos pedirán subir devolución de impuestos a 10% Buscan mejorar competitividad con Argentina y Brasil.	7
Uruguay importó carne vacuna desde Argentina, después de 10 años	8
Mesa del Feedlot busca agregar ganado terminado a grano en el Hilton	8
Estiman baja en volumen de ganado para cuota 481	9
Faena de ganados de corral aumenta 12% respecto a un año atrás	9
Exportación en pie alcanza las 500 mil cabezas en los últimos 12 meses	9
Especialista elogió homogeneidad de ganado uruguayo	10
PARAGUAY	11
TAIWÁN aumentó la cuota cárnica de Paraguay a 20.635 toneladas anuales	11
CHILE auditará frigoríficos.....	11
Crean factible rehabilitar frigorífico para exportación	11
Causa de supuesta coima de frigorífico quedó congelada	12
Nuevo ministro de agricultura: Fortalecer cadenas pecuarias	12
ESTADOS UNIDOS	12
BSE: confirman un caso atípico en el estado de Florida.....	13
COREA DEL SUR impondrá mayores controles en los embarques	13
Guerra Comercial: Trump amenaza con \$200 mil millones de aranceles a CHINA	14
Mayor producción de animales en feed lots y faena	15
Ciclo ganadero: se desacelera la retención de hacienda.....	16
La industria porcina, afectada por la guerra comercial entre EEUU y China	16
VARIOS	17
CANADA: existencias de bovinos bajan 0.8 por ciento.....	17
CHINA : proveedores de Mercosur aumentan su importancia como proveedores de carne bovina	18
JAPON: Importaciones de carne de Japón tocaron un máximo en 20 años	19
EMPRESARIAS	19
JBS USA crece en el mercado americano y apuesta al ASIA	19
Marfrig redujo su valor de mercado después de la venta de Keystone	21
Inversión en el Frigorífico Florida puede alcanzar los US\$ 11 millones	21



BRASIL

Precios de la hacienda se afirman por escasa oferta y buen ritmo exportador

Sexta-feira, 31 de agosto de 2018 - A oferta limitada de boiadas dificulta a compra por parte dos frigoríficos e, conseqüentemente, a arroba do boi gordo ganhou firmeza no mercado.

No levantamento da última quinta-feira (30/8) foram registrados aumentos em dez das trinta e duas praças pesquisadas, cenário que reforça o viés de alta nas cotações.

Destaque para o Mato Grosso do Sul, onde os preços subiram nas três praças. A oferta limitada provocou o encurtamento nas escalas de abate e já é possível observar frigoríficos com programações atendendo apenas um dia de abate.

Em São Paulo a arroba do boi gordo fechou em alta, cotada em R\$146,00, à vista, livre de Funrural. No acumulado dos últimos sete dias a valorização para arroba é de 1,4%.

No mercado atacadista de carne bovina com osso a baixa oferta de boiadas impactou às cotações. A carcaça de bovinos castrados fechou cotada em R\$9,43/kg (30/8), alta de 0,3% frente ao levantamento do dia anterior.

30/08/18 - por Equipe BeefPoint

As cotações da arroba do boi gordo seguem em alta, refletindo a baixa oferta de animais prontos para abate neste período de entressafra. Segundo pesquisadores do Cepea, a menor oferta de boi gordo nas últimas semanas também se deve ao desestímulo de parte de produtores em confinar animais neste ano, especialmente devido aos altos preços da ração.

Além disso, o dólar em patamar elevado tem estimulado as exportações brasileiras de carne bovina e, conseqüentemente, elevado a demanda de alguns frigoríficos, que buscam lotes de animais específicos para o mercado internacional. Já no atacado, a procura segue baixa, limitando as valorizações da arroba – vale lembrar que os preços de carnes substitutas, como a suína e a de frango, estão bastante competitivos frente à bovina.

No acumulado parcial de agosto (31/7 a 29/8), o Indicador do boi gordo ESALQ/BM&FBovespa registra alta de 3%, e nos últimos sete dias, de 0,8%, com média de R\$ 146 nessa quarta-feira, 29.

CANADA: con próxima visita mejoran las chances de su apertura

21/08/18 - por Equipe BeefPoint Uma missão técnica do Canadá deve visitar o Brasil em outubro para inspecionar o processo de produção de carne bovina, e o país norte-americano poderia autorizar ainda em 2018 as importações do produto in natura brasileiro, disse nesta terça-feira um dirigente do setor.

“Estamos na expectativa de uma visita em outubro... Acho que podemos ter um resultado positivo ainda neste ano”, destacou o presidente da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec), Antônio Jorge Camardelli, acrescentando que autoridades canadenses mantêm discussões com o Ministério da Agricultura brasileiro.

Atualmente, o Brasil já embarca carne industrializada para o Canadá, mas ele não detalhou o volume.

O Brasil é o maior exportador de carne bovina e conta com um rebanho de mais de 200 milhões de cabeças.

Camardelli também afirmou que a indústria brasileira já deu garantias de qualidade aos Estados Unidos e espera que o país envie uma equipe para uma rodada de inspeção no país.

Os EUA suspenderam as compras de carne in natura do Brasil em junho do ano passado, após encontrarem inconformidades nos embarques. Inicialmente, havia a expectativa de uma reabertura mais rápida do mercado.

A suspensão anunciada pelos EUA foi apenas um dos vários golpes sofridos pelo setor no ano passado, que lidou ainda com os efeitos da operação Carne Fraca, da Polícia Federal, e o embargo da Rússia às vendas brasileiras.

“Sobre a Rússia, também temos expectativa de reabertura”, afirmou ele, sem detalhar, durante evento promovido por Datagro e XP, em São Paulo.

Outros potenciais mercados no radar da Abiec são Turquia, Indonésia e Tailândia – este último deve enviar uma missão ao Brasil no segundo semestre, segundo o dirigente.

A China também tende a mandar uma segunda equipe ao país, acrescentou.

Auditoría chilena visita establecimientos

30/08/18 - por Equipe BeefPoint Na próxima sexta-feira (31), será realizada reunião final entre autoridades sanitárias do Chile e integrantes do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) para avaliação de auditorias realizadas pelos chilenos no Brasil.



Na semana passada, no Rio Grande do Sul os representantes daquele país visitaram áreas de produção de aves, Unidades Veterinárias Locais (UVL), Serviço Veterinário Estadual e a Secretaria da Agricultura para inspecionar os controles sanitários para a Doença de New Castle.

Em julho de 2006, os chilenos suspenderam as compras de cortes de frango dos criadores gaúchos por ter sido registrado foco desta doença no estado. O comércio do produto segue suspenso desde então. A missão chilena poderá autorizar a retomada da exportação. Os inspetores chilenos também visitaram o Laboratório Nacional Agropecuário (Lanagro) de Campinas, que é referência nas análises de doenças que atingem os plantéis de aves.

Os chilenos estão percorrendo também o Pará para verificação dos controles sanitários no estado já reconhecido como livre de febre aftosa com vacinação. O objetivo é habilitar frigoríficos de carne bovina in natura.

Está prevista a ida de técnicos em fazendas, escritórios do serviço veterinário, além do Lanagro de Pedro Leopoldo (MG) que é referência no diagnóstico da aftosa.

De 2 a 12 de setembro, outra missão veterinária do Chile estará no Brasil para a renovação e novas habilitações de estabelecimentos produtores de farinhas e produtos gordurosos de origem animal. Nesse período, os auditores percorrerão unidades produtivas no Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina e São Paulo.

Integran red de laboratorios oficiales y acreditados

Fonte: Mapa.21/08/18 - por Equipe BeefPoint

O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) vai instalar até o fim do ano o sistema Hub Laboratorial para centralizar todas as informações de amostras dos seis Lanagros (Laboratório Nacional Agropecuário) e da rede de 450 laboratórios credenciados no país.

A cada ano, são feitas cerca de 33 milhões de análises laboratoriais pela rede do Mapa e credenciados. O secretário de Defesa Agropecuária, Luis Rangel, avalia que o Hub irá proporcionar maior grau de transparência, como está sendo reivindicado por importadores.

O Hub Laboratorial vai rastrear as amostras desde a coleta na propriedade até o resultado final da análise. As informações serão acessadas em tempo real, com acompanhamento da custódia da amostra (guarda), manutenção do material, insumos aplicados, análises realizadas, permitindo o controle e a auditoria de todas as ações envolvidas. Os laboratórios, por sua vez, poderão planejar melhor seu trabalho. A decisão foi tomada em reunião na quinta-feira (16) entre o secretário de Defesa Agropecuária, Luis Rangel, o coordenador-geral de laboratórios agropecuários, Rodrigo Nazareno e outros integrantes do Mapa.

O sistema é voltado para o combate de fraudes ou quaisquer desvios de finalidade em análises laboratoriais. O foco inicial do sistema são as análises de Salmonella e Listeria em carcaças de frango, em resposta a problemas apontados na “Operação Trapaça”, deflagrada pela Polícia Federal com apoio do Mapa, no início de março. “A defesa agropecuária compreende ações que visam evitar danos à saúde dos consumidores, aos rebanhos e lavouras e que eliminem o risco econômico para o Brasil”, observou o coordenador-geral.

“Não são necessários grandes investimentos, apenas a integração total dos sistemas existentes no Mapa e a implantação de alguns que serão instalados”, explica Rodrigo Nazareno. “O Hub pode ser executado e vai trazer resultados que permitirão melhorar o planejamento da fiscalização sanitária no país”, acrescenta Nazareno.

A racionalização das análises, de ponta a ponta, vai gerar economia e ganho de eficiência. Atualmente o auditor fiscal federal agropecuário faz a coleta da amostra no campo, preenchendo, formulário, por vezes, manualmente, e, quando a amostra chega no laboratório, as informações do formulário devem ser transcritas. Com o Hub as informações da coleta serão enviadas diretamente ao laboratório e o resultado diretamente à pessoa que solicitou a análise, com ganho de tempo.

Publican protocolo para el monitoreo de residuos de medicamentos veterinarios

22/08/18 - por Equipe BeefPoint A Secretaria de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura publicou nesta quarta-feira, 22, no Diário Oficial da União a portaria 88, que homologa, para fins de certificação oficial brasileira, o protocolo privado proposto pela Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec) para monitoramento de resíduos de medicamentos veterinários.

Segundo o texto da portaria, esse procedimento seria complementar ao Plano Nacional de Controle de Resíduos, em cumprimento ao Gulf Standardization Organization – GSO 2481/2015, visando à exportação de carne bovina ao mercado Saudita. A portaria não traz o conteúdo do protocolo.



Paraná pidió dejar de vacunar contra la aftosa en 2019

Por Blasina y Asociados, especial para El Observador Agosto 24, 2018 Lo planteó el gobierno estadual al Ministerio de Agricultura, Ganadería y Abastecimiento

El gobierno de Paraná, en Brasil, pidió oficialmente al Ministerio de Agricultura, Ganadería y Abastecimiento (MAPA) suspender la vacunación contra la fiebre aftosa en mayo de 2018.

De esta forma, el nuevo estado sanitario de Paraná (libre de fiebre aftosa sin vacunación) sería reconocido en la Asamblea General de la Organización Mundial de Sanidad Animal (OIE) en mayo de 2021.

En un documento firmado por la gobernadora de Paraná, Cida Borghetti, se ratificó el compromiso de implantar las acciones y metas previstas en el Programa Nacional de Erradicación de la Fiebre Aftosa del MAPA.

Este plan dividió a Brasil en cinco bloques regionales para el retiro gradual de la vacunación. Paraná integra uno de ellos con Rio Grande do sul, Santa Catarina, Mato Grosso y Mato Grosso do Sul. Este bloque, de acuerdo al cronograma del plan oficial, se convertiría en libre de aftosa sin vacunación a partir de 2023. Sin embargo, Paraná dice reunir las condiciones para obtener antes ese reconocimiento.

Una auditoría realizada por el ministerio en enero de este año confirmó que el estado reúne las condiciones para suspender la vacunación a partir de marzo de 2019, tomando en cuenta los programas, estructura y capacidad técnica y financiera. De esta manera podría obtener el reconocimiento de zona libre de aftosa sin vacunación por el MAPA en 2020 y por la OIE en 2021.

"Formar parte del bloque cinco para retirar la vacunación no es estratégico para los productores paranaenses, porque el estado ya tiene las condiciones técnicas para ello", indicó el presidente del Sistema de la Federación de Agricultura de Paraná (FAEP), Ágide Meneguette.

La federación aspira a que Paraná siga de forma independiente y lograr el reconocimiento antes, llegando a otro nivel mundial como proveedor de proteína animal. De esta manera, accedería a mercados que pagan por este tipo de carne.

Evalúan los límites de la zona libre de aftosa sin vacunación de Mato Grosso en 2019

23/08/18 - por Equipe BeefPoint O Grupo Gestor Estadual do Plano Estratégico 2017-2026 do Programa Nacional de Erradicação e Prevenção da Febre Aftosa (PNEFA), se reuniu nesta semana, na sede do Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea-MT), para definir detalhes da delimitação das propriedades mato-grossenses que integrarão a zona livre de febre aftosa sem vacinação, em maio de 2019, junto com os estados do Bloco I, Rondônia e Acre.

Nos dias 21 e 22 de agosto, serão realizadas reuniões em Comodoro (MT) e Vilhena (RO), onde serão discutidos os detalhes da transição de status sanitário e delimitação da zona livre do Bloco I, com a presença da presidente do Indea, Daniella Bueno, e representantes do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), da Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia (Idaron) e produtores rurais da região.

Em março deste ano foi realizado um trabalho conjunto com a Idaron de atualização cadastral de propriedades com produção de bovinos nos municípios de Rondolândia, Colniza, Aripuanã, Comodoro e Juína. Algumas propriedades poderão ser incluídas na zona livre de febre aftosa sem vacinação, por manterem relação comercial com Rondônia e a difícil ligação geográfica dos municípios e propriedades com outras áreas de Mato Grosso.

Estiveram presentes a presidente do Indea, Daniella Bueno, e os gestores do Programa Estadual de Controle e Erradicação da Febre Aftosa, o representante da Associação dos Criadores de Mato Grosso (Acrimat), Francisco Manzi; representante da Superintendência Federal de Agricultura em Mato Grosso (SFA-MT), Angela Vieira; representando a Associação de Criadores de Suínos do Estado de Mato Grosso (Acrismat), Igor Queiroz Silva; representando a Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Mato Grosso (Famato), Antônio Carlos Carvalho Sousa.

Blocos

Plano Estratégico de Erradicação e Prevenção da Febre Aftosa (PNEFA) prevê a retirada total da vacinação no país até 2023. Os estados foram divididos em cinco blocos pecuários para que seja feita a transição de área livre da aftosa com vacinação para sem vacinação. Integram o Bloco I, Acre e Rondônia; o Bloco II: Amazonas, Amapá, Pará e Roraima; o Bloco III: Alagoas, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí e Rio Grande do Norte; Bloco IV: Bahia, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Sergipe e Tocantins, e; Bloco V: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Lanzan comité de prevención de Aftosa

31/08/18 - por Equipe BeefPoint O governador Reinaldo Azambuja (PSDB) participou, nesta quarta-feira (29), do lançamento do programa nacional de erradicação da febre aftosa, na Famasul (Federação da



Agricultura e Pecuária de Mato Grosso do Sul). Durante a solenidade, Azambuja assinou decreto que cria o Comitê Estadual de Prevenção e Erradicação da Aftosa. O objetivo principal é tornar Mato Grosso do Sul “área livre” da doença, para que atraia novos mercados para exportação de carne.

O comitê será composto por 17 entidades, incluindo o governo. O objetivo é que, até 2021, o Estado deixe de ter o status “sem aftosa com vacinação” e passe para “aftosa sem vacinação”. O governador explicou que o aumento da vigilância e fiscalização também deve contemplar a passagem de mercadorias e produtos dentro do Estado.

“É fundamental que até 2021 o Estado seja área livre de aftosa e tenha um controle de vigilância acima da média pra que possa avançar não só na saúde, mas também do ponto de vista econômico. Quando passar para o Brasil e para o mundo que tem uma vigilância sanitária muito eficiente, vai abrir novos mercados, inclusive no exterior, e vai ter ganho de renda e lucro para o setor produtivo”, comentou o governador.

Reinaldo destacou que os países estrangeiros considerados protecionistas exigem uma série de critérios de vigilância e fiscalização quando adquirem produtos de fora. Dessa forma, afirmou, se Mato Grosso do Sul estiver “ótimo” nesses quesitos, vai aumentar a renda e melhorar a economia, especialmente na venda de carne.

Além do comitê, foi criado um fundo estadual para erradicação da febre aftosa. O fundo, abastecido com recursos públicos, deve custear ações de emergência do comitê. Um foco de aftosa, por exemplo, deverá ser combatido com recursos do Fundo. O comitê também vai pedir à bancada federal aumento dos recursos do Ministério da Agricultura gastos em defesa sanitária.

Hoje, de acordo com o titular da Semagro (Secretaria de Estado de Meio Ambiente, Desenvolvimento Econômico, Produção e Agricultura Familiar), Jaime Verruck, o valor aplicado anualmente pelo Ministério é de R\$ 200 milhões. O comitê vai tentar aumento de, ao menos, R\$ 150 milhões.

Conforme o secretário, a lagro (Agência Estadual de Defesa Sanitária Animal e Vegetal) já divulgou novas ações que se adequam aos procedimentos de fiscalização pedidos pelo governo federal. Entre ações, a lagro pretende criar novos postos de fiscalização na fronteira e mudar a forma de fiscalizar produtos e pecuária.

Antes, a área fiscalizada contemplava microrregiões e agora deve ser por quadrante, ou seja, quatro municípios próximos uns dos outros deverão ser fiscalizados. Serão criados mais de 50 postos de vigilância para exercer mais controle sobre a circulação de animais dentro de Mato Grosso do Sul. Além disso, haverá aumento do controle das rotas, por meio de fiscalização eletrônica.

Camex aprobó el fin de los derechos de exportación sobre cueros wet blue

31/08/18 - por Equipe BeefPoint Após 18 anos de aplicação de imposto de exportação ao couro wet blue e 26 anos para o couro salgado, o Comitê Executivo de Gestão (Gecex), da Câmara de Comércio Exterior (Camex) aprovou a retirada da alíquota. O pedido de exclusão foi defendido pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), a partir de solicitação da Associação Brasileira de Frigorífico (Abrafrigo) referendada pela Sociedade Rural Brasileira (SRB), pela Confederação Nacional de Agricultura (CNA) e pela Associação Brasileira de Criadores (ABC).

No Mapa, o entendimento foi de que o imposto de exportação era distorcivo e que a melhor estratégia para o desenvolvimento da produção é a adoção de medidas que visem ganhos a todos os elos da cadeia, até o produto final. De acordo com a Secretaria de Relações Internacionais do Agronegócio do ministério, há disposição de dialogar com representantes do setor de forma a construir uma agenda estruturante que foque na melhoria do couro nacional.

Foram realizadas reuniões técnicas com o objetivo de elencar os elementos para subsidiar os ministérios que integram a Camex (Casa Civil, Secretaria Geral da Presidência da República, Mapa, Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, das Relações Exteriores, da Fazenda, dos Transportes e do Orçamento e Gestão.

Fungicidas

Na reunião, o Mapa defendeu o indeferimento de pleito da Adama Brasil de elevação da alíquota do imposto de importação para o fungicida tebconazol técnico, de 2% para 14%, e para o formulado, de 8% para 14%, por entender que a elevação implicaria em aumento de custos da produção. Trata-se de um dos defensivos mais utilizados no país, com aplicação em diferentes culturas, desde as de menor escala, como abacaxi, beterraba, cevadas, como nas maiores, soja, trigo, milho e arroz.

O Comitê indeferiu, também, pleito da Lamberti Brasil Ltda, de elevação da alíquota, de 2% para 12%, do Dipropilenoglicol Dibenzoato, solvente para formulação de inseticida. O Dipropileno é empregado como diluente do lufenuron, defensivo amplamente empregado na nas culturas de grãos, frutas e hortaliças.

Turquía afirma haber encontrado carbunco en animales importados del Brasil

30/08/18 - por Equipe BeefPoint



Autoridades turcas afirmam ter identificado a presença de antraz em bovinos que faziam parte de uma carga composta por quase 4 mil animais vivos provenientes do Brasil. Segundo a imprensa local, os animais foram importados pela Instituição de Carne e Leite do país.

Em Brasília, o Ministério da Agricultura informou que não foi comunicado pela Turquia sobre o problema. Procurada pelo Valor, a Minerva Foods, maior exportadora brasileira de bois vivos, negou qualquer relação com o carregamento. O antraz, ou carbúnculo, é uma doença infecciosa provocada pela bactéria *Bacillus anthracis* e pode afetar os seres humanos.

De acordo com notícia veiculada no site do "Hurriyet Daily News", animais infectados foram encontrados em uma propriedade no distrito de Ancara, a capital da Turquia. As vendas de bois foram interrompidas em centros de comercialização próximos. Pecuaristas turcos criticaram os controles realizados pelo governo e afirmaram que seus negócios serão prejudicados.

O Ministério da Agricultura do país se defendeu. Afirmou que os animais importados cumprem quarentena de 21 dias em uma propriedade específica para esse fim e são examinados antes de liberados para venda nos mercados do país – ou seja, não está claro se os animais partiram do Brasil infectados ou se adoeceram durante o percurso ou já na Turquia.

Ainda segundo a imprensa turca, um carregamento de 3.959 bovinos vivos importados do Brasil chegou pouco antes de um recente feriado islâmico. Depois que alguns morreram já na Turquia, o governo abriu uma investigação, 60 animais foram sacrificados e a propriedade onde eles estavam foi colocada em quarentena.

A Instituição de Carne e Leite garantiu à população que não houve comercialização da carne dos bovinos infectados, e cerca de 10 mil bois já foram vacinados contra a doença depois da descoberta.

Embora ainda representem apenas uma fração das exportações brasileiras de carne bovina, os embarques de bois vivos, direcionados sobretudo ao mercado turco, se tornaram uma alternativa importante aos pecuaristas brasileiros em determinados períodos do ano e tem registrado crescimento, apesar das críticas de ambientalistas e ONGs de defesa do bem-estar animal.

Conforme a Secretaria de Comércio Exterior (Secex/Mdic), as vendas ao exterior somaram 90,7 mil toneladas e renderam US\$ 240,9 milhões no primeiro semestre de 2018. Na comparação com o mesmo período do ano passado, houve crescimentos de 246,2% e 307,6%, respectivamente.

Nota BeefPoint: Vamos acompanhar de perto essa notícia. Existem muitos opositores à exportação de gado em pé. E como você pode ler na notícia, não está confirmado. Iremos atualizar essa página à medida que novidades chegarem.

Acuerdo UE – Mercosur reunión en Brasilia de los Ministros de Agricultura

27/08/18 - por Equipe BeefPoint Reunião sobre o Acordo Mercosul-União Europeia foi realizada nesta quinta e sexta-feira (24), no Itamaraty, em Brasília, com a presença de ministros dos países participantes do bloco econômico da América do Sul para discutir os rumos das negociações iniciadas em 1999.

De acordo com o secretário de Relações Internacionais do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Odilson Ribeiro e Silva, muitos pontos avançaram bastante nos últimos anos, mas ainda há os que precisam de mais negociação, especialmente questões ligadas ao setor agropecuário.

Fizeram parte das discussões regras de origem, indicações geográficas, direito de exportação, cotas, além de expectativas para a próxima rodada de negociações. O ministro da Agricultura do Brasil, Blairo Maggi, disse ter ficado animado com o andamento do acordo, especialmente após os entendimentos mantidos com o contraparte argentino, Luis Miguel Etchevehere.

As negociações entre Mercosul e União Europeia, de acordo com o secretário Odilson Ribeiro, pela primeira vez estão próximas a um consenso, pelo menos na disposição do lado do Mercosul.

O próximo encontro está marcado para o próximo mês, entre os dias 10 a 14, em Montevidéu, no Uruguai, onde são esperados representantes da União Europeia, como a comissária de Comércio, a sueca Cecilia Malmström, ou o comissário de Agricultura da UE, Phil Hogan, para a continuação dos entendimentos.

URUGUAY

El precio del novillo gordo sigue bajando

Por Blasina y Asociados, especial para El Observador

31 de agosto de 2018 La industria propone un ajuste de valores que el mercado comienza a aceptar y el ternero cae en la pantalla

El precio del gordo cae y la reposición acompaña el ajuste. En el correr de la semana se concretó una nueva baja en el precio propuesto por la industria frigorífica para el ganado gordo. El techo de valores para el novillo gordo está en US\$ 3,30 por kilo carcasa. Y los ganados de escasa terminación de negocian por US\$ 3,20.



Para la vaca gorda especial, de más de 230 kilos de carcasa, el máximo ofrecido es US\$ 3,10 y es muy difícil de conseguir. Para las vacas pesadas más generales los negocios van entre US\$ 3 y US\$ 3,05.

Algunas industrias demuestran muy poco interés de compra y eso se refleja en bajos precios ofrecidos para novillo y vaca. Otras, directamente no pasan precio.

Aumentó gradual de la oferta

La oferta de ganado no es mucha, aunque aumenta de forma gradual. En la medida que el ganado está pronto se comercializa, en general sin especulación por parte los productores. Y si bien hay regiones con animales que han sentido la falta de pasto, no ha surgido una oferta abultada por esta razón. En otras zonas, en tanto, hay muy buenos verdes y praderas.

Se espera que en los próximos días el mercado se estabilice y los valores encuentren un piso.

Además del gordo, también ajusta la reposición.

El ternero registró el segundo precio promedio más bajo del año en Pantalla Uruguay este jueves, con US\$ 2,04 por kilo. Una caída de 9% respecto a los US\$ 2,24 del remate de julio.

Un enlentecimiento de las compras de ganado con destino a la exportación en pie ha sido factor clave. Todas las miradas, por lo tanto, están puestas en Turquía, ante la devaluación de su moneda.

En lanares la oferta sigue siendo muy escasa, a pesar del avance de las esquilas preparto. Se mantiene, en ese escenario, la firmeza de precios. Los negocios se concretan en torno a las referencias de la Asociación de Consignatarios de Ganado, donde todas las categorías –a excepción de los corderos que aumentaron un centavo a US\$ 3,36– mantuvieron los valores de la semana anterior.

Los corderos pesados US\$ 3,43 por kilo, los borregos US\$ 3,40, los capones US\$ 3,15 y las ovejas US\$ 3,10.

Precio de exportación de carne vacuna con mejora semanal

El promedio semanal al 25 de agosto se ubicó en US\$ 3.736 por tonelada de carne vacuna exportada, un salto de 4% comparado con los US\$ 3.602 de la semana anterior.

En el acumulado del año, tanto el precio promedio como el volumen exportado se mantienen por encima que un año atrás, pero la brecha se reduce cada vez más. El precio de exportación se mantiene 5,5% arriba que en igual período del año pasado con US\$ 3.574 por tonelada, arriba de los US\$ 3.389 de 2017.

El volumen exportado también se mantiene arriba en la comparación interanual, con 296.081 toneladas peso canal, 2,8% arriba de las 287.942 del año pasado.

En el caso de carne ovina, la tonelada promedió US\$ 4.903 en la semana cerrada el 25 de agosto, un salto semanal de 21%, esta recuperación semanal dejó al promedio de agosto en US\$ 4.741, US\$ 100 más que en el mismo mes del año pasado.

En el acumulado del año en curso muestra una suba destacada, con un promedio de US\$ 4.578 por tonelada, 12% arriba de los US\$ 4.080 en mismo período de 2017.

Y, además, se registró una leve caída en el volumen enviado de -0,4%, con 8.176 toneladas frente a 8.207 un año atrás.

Frigoríficos pedirán subir devolución de impuestos a 10% Buscan mejorar competitividad con Argentina y Brasil.

30/08/2018 - Industriales buscan mejorar competitividad frente a los países de la región. Foto: El País.

La Cámara de la Industria Frigorífica (CIF) planteará al gobierno en los próximos días la necesidad de elevar transitoriamente de 2,5% a 10% la devolución de impuestos a las exportaciones del sector, como medida que logre devolverle competitividad a los frigoríficos uruguayos para posicionarse mejor en los mercados frente a las devaluaciones de Argentina y Brasil.

El presidente de la CIF, Daniel Belerati dijo a El País que analizando el precio del dólar, el valor del ganado en Argentina “ya está en US\$ 1,50 por kilo menos que en Uruguay y no se sabe dónde terminará”. Por eso consideró que lo ideal sería que también en Uruguay el precio del dólar acompañe, por lo que consideró que debería estar en \$ 37 o \$ 38 por unidad.

Ayer la moneda argentina cayó 13,52% y llegó a tocar los 41 pesos por dólar, baja que representó la mayor depreciación anual, aunque lleva una caída acumulada de 20% en dos días. En Brasil, el real cotizaba a 4,1 por cada dólar llegando a mínimos históricos. Esta situación hace que también se enlentezca la exportación de carne uruguaya y los operadores brasileños siguen pidiendo rebajas de precios.

Belerati recordó que el gobierno mostró señales de que la devaluación en Argentina es grave, desde el momento que el Consejo de Ministros aprobó la devolución de todo el IVA a los turistas de esa nacionalidad que visiten Uruguay, para evitar daños en el sector del turismo y las economías locales.

Argentina, Brasil y Uruguay son fuertes exportadores de carne y compiten en los mismos mercados como China, Israel, Unión Europea o Rusia (entre otros), pero hoy la competencia de Uruguay es la que tiene ventaja.

Las devaluaciones en Argentina y Brasil motivaron que en el mercado “cayeran los precios medidos en dólares y se enlenteció la actividad en los frigoríficos”. A modo de ejemplo, Belerati recordó que la faena



de bovinos en Uruguay cayó 23% porque la industria “no puede pagar el ganado a los precios que está hoy”.

El presidente de una de las gremiales más importantes de la industria frigorífica dijo que “las empresas se enfrenta hoy a la peor ecuación: empresas paradas, menos materia prima, gente en el seguro de paro y los costos fijos arruinando la ecuación”, reconoció.

30 de agosto de 2018 La Cámara de la Industria Frigorífica la semana próxima planteará al gobierno un aumento en la devolución de impuestos, “mientras no acompañe las devaluaciones de Brasil y de Argentina”, dijo a Tiempo de Cambio de radio Rural el presidente de la gremial, Daniel Belerati. “Que haga una devolución de impuestos transitoria por diez doce meses a ver qué pasa. O el dólar se va a \$ 36- \$ 38 o buscan soluciones”, insistió el industrial.

Las industrias están cobrando en algunos casos a seis meses la devolución de impuestos y en otras a nueve meses de la exportación, explicó, por lo que un aumento en la devolución de impuestos se vería reflejada en la recaudación impositiva ya entrado 2019.

Este miércoles el dólar interbancario en Argentina cerró con un nuevo récord en A\$ 34,10, con un salto diario de 7,6%. El Banco Central vendió US\$300 millones de sus reservas, tercer día consecutivo en el que el organismo intervino en el mercado, luego de vender US\$ 210 millones el lunes y otros US\$200 millones el martes.

En Uruguay el dólar cerró este miércoles con una suba de apenas 0,21% en promedio para el interbancario que quedó en \$ 32,001. El Banco Central vendió US\$ 65,1 millones.

“La industria frigorífica vive del dólar (...) Este atraso cambiario que está sufriendo el Uruguay nos lleva a sentir mucho más la competencia de países como Brasil y Argentina. Son devaluaciones brutales que han dejado de lado los costos muy por debajo a las de Uruguay”, insistió el presidente de la CIF.

Dijo que es insostenible la diferencia de precio del ganado en la región, con una diferencia de precios de hasta de 80 centavos por kilo en cuarta balanza. “No podemos pagar US\$ 800 más por tonelada. No siquiera somos más baratos en mano de obras, ni en tarifas, ni en combustibles, ni en transportes. No somos más baratos en nada”, sostuvo.

Para Belerati el precio del ganado “tendrá que bajar porque lamentablemente no lo podemos pagar. No es que sea barato o sea caro. No lo podemos pagar directamente. No es cuestión de valorizaciones subjetivas”, señaló en el programa.

“Visto el mercado internacional el gobierno algo tiene que hacer. Si se queda cruzado de brazos va a ser terrible”, dijo.

Uruguay importó carne vacuna desde Argentina, después de 10 años

24/08/2018 - Fueron unos 21.951 kilos de cortes del trasero enfriados a un valor promedio de US\$ 4.230 por tonelada.

Pasaron 10 años para que Uruguay vuelva a importar carne vacuna desde Argentina. Durante este mes ingresó al país un contenedor de 21.951 kilos de cortes del trasero enfriados a un valor promedio de US\$ 4.230 por tonelada, informó la consultora Tardáguila Agromercados.

La publicación indica que el importador fue la marca de Marfrig, Establecimientos Colonia. Además explica que el amplio diferencial de precios del producto en ambos países, luego de la fuerte baja del peso argentino, permitió esta operación.

A principios de mes, cuando se hizo la importación, el novillo en el mercado argentino de Liniers promediaba unos A\$ 40 el kilo en pie. Con un dólar a A\$ 28-28,5 quedaba un precio en el eje de US\$ 1,40. En Uruguay esa semana el novillo especial de abasto, de acuerdo con la Asociación de Consignatarios de Ganado, cotizaba a US\$ 1,90 el kilo en pie, una diferencia de más de 25%, destaca Tardáguila Agromercados.

La consultora señaló que las últimas importaciones de carne vacuna argentina se habían realizado en 2008. El pico anual en lo que va del siglo se había dado en 2005, antes de que el kirchnerismo comenzara a poner palos a los exportadores argentinos, año en el que llegaron algo más de 850 toneladas.

De esta manera, Argentina se suma a Brasil y Paraguay, quienes también están aprovechando el diferencial de precio para exportar volúmenes crecientes de carne vacuna a Uruguay.

Mesa del Feedlot busca agregar ganado terminado a grano en el Hilton

24/08/2018 - En las últimas semanas se han reunido con autoridades del Ministerio de Ganadería.

La Mesa del Feedlot ha mantenido reuniones con el Ministerio de Ganadería buscando cambiar los certificados de engorde de animales utilizados para la producción de carne dentro de la cuota Hilton, comentó a Rurales El País Daniel Miranda, presidente de la gremial.

El Hilton es un cupo de carne vacuna de alta calidad habilitado por la Unión Europea a varios países. Uruguay cuenta con un volumen disponible de 6.300 toneladas de carne de animales terminados exclusivamente a pasto, misma normativa que Argentina y Brasil.



En esta oportunidad buscan modificar la norma para que el engorde de los vacunos pase de exclusivamente a preferentemente a pasto, permitiendo que se alimenten con granos en los corrales. Una opción que la tiene habilitada Australia como proveedor dentro del contingente.

Daniel Miranda dijo que “desde el Ministerio de Ganadería nos han dicho que las condiciones de producción de Uruguay han cambiado y ven la posibilidad de discutir el tema en todos los ámbitos”.

Estiman baja en volumen de ganado para cuota 481

21/08/2018 - Números y menor ventana de carga complican a feedlot.

La Asociación Uruguaya de Producción de Carne Intensiva Natural (Aupcin), que es la asociación civil sin fines de lucro cuyo objetivo es el de defender, promover y fomentar la producción, comercialización y distribución, de todo tipo de animales criados con métodos de engorde intensivo (Feedlot), estima que para la próxima ventana de carga de carnes para la cuota 481, por un tema físico, no habrá un volumen grande de ganado para faenar.

El presidente de Aupcin, Dr. Álvaro Ferrés, recordó que las ventanas de carga “cada vez se achican más” y consideró que eso “va a impactar en el volumen de ganado faenado y en el volumen de carne exportado dentro del cupo”.

La próxima ventana se abrirá alrededor del 10 de noviembre y duraría entre tres o cuatro semanas, estimándose que cierre próxima al 10 de diciembre. “El hecho de que Uruguay faena menos ganado para la cuota 481 y exporte menos carne, traerá consecuencias en el negocio”, consideró el presidente de Aupcin.

La situación provocará que “cada vez más, los negocios alternativos a la cuota 481, van a tener que estar estudiados o planificados, para que los corrales de engorde (feedlot) sigan funcionando en Uruguay”, dijo Ferrés.

Desde Aupcin, la alternativa que se está viendo son negocios en otros destinos, básicamente China y Asia y algunos otros que hoy están buscando ganados de cuota con 100 días de engorde a corral previos a la faena. “Hay algunas propuestas y también hay alternativas para carcasas más pesadas. Uruguay tiene necesariamente que buscar alternativas para que la carne de corral se siga produciendo y se mantenga la faena”, afirmó el presidente de Aupcin.

Los números del engorde a corral tienen un componente adicional que es el precio de los granos y este insumo subió bastante en los últimos meses como consecuencia de la sequía. “Nosotros particularmente no previmos que iban a subir tanto y eso hizo que el margen del negocio se achicara mucho, por más que el precio de la carne exportada dentro de la cuota e incluso el precio del novillo subió, pero el margen del negocio se achicó mucho. Eso está afectando el negocio de los corrales de engorde”, advirtió el profesional a El País.

Uruguay es un fuerte proveedor de carne dentro del cupo 481, el contingente de carne de alta calidad con destino a la Unión Europea para ganado de menos de 24 meses terminados a granos durante los últimos 100 días previos a la faena (exporta arriba de 9.300 toneladas).

Por otro lado, los corrales de engorde venían criando bastante ganado para la exportación en pie. “Muchos corrales de engorde se habían transformado en cuarentenarios para la exportación en pie”, pero algunas complicaciones con la moneda turca, complican momentáneamente el negocio, generando una incertidumbre adicional para los corrales de engorde uruguayos.

Más allá del problema coyuntural en el principal mercado de Uruguay para el ganado en pie, la salida de ganado está generando cambios en la ganadería uruguaya, fomentando la cría, rearmando y rejuveneciendo la máquina de producción.

Faena de ganados de corral aumenta 12% respecto a un año atrás

30 de agosto de 2018

Del 1 de enero al 11 de agosto se faenaron 148.027 animales de corral, una participación del 10,2% del total de la faena a ese momento y un 12% por encima que en igual período del 2017 cuando se habían faenado 132.347 cabezas.

La mayor proporción se la llevan las vaquillonas y los novillos, con una participación en el acumulado anual de 18% y 16% del total de cada categoría respectivamente, lo que corresponde a 31.767 vaquillonas y 116.260 novillos. Las vaquillonas faenadas se mantienen estables respecto a un año atrás mientras que los novillos mostraron un aumento del 16% interanual.

Agosto fue el mes con mayor participación de ganado de corral en el total de la faena, con un promedio de 15%.

Exportación en pie alcanza las 500 mil cabezas en los últimos 12 meses

29 de agosto de 2018



Los embarques de ganado en pie con destino a Turquía realizados en agosto corresponden a negocios pactados con el Gobierno turco previo a la devaluación de la lira. Consignatarios consultados aseguran que no se están concretando negocios para la exportación en pie. Firmas que se dedican a la exportación indican que han disminuido los encierros de terneros luego de los que se enviaron en los últimos barcos.

En los últimos 12 meses a agosto, se alcanzó un nuevo récord: medio millón de vacunos fueron exportados en pie, el 91% con destino a Turquía para engorde o faena.

Los precios que se ofrecen por los ganados están 30 centavos o más por debajo de los precios que se pagaban antes, lo que ajusta los márgenes de ganancia. La referencia por kilo en pie de los terneros enteros es en la actualidad de US\$ 1,90 versus los US\$ 2,20 previos a la devaluación.

Federico Jaso, de Jaso y Jaso Negocios Rurales dijo a Tiempo de Cambio que la exportación en pie va a seguir operando con un ajuste en los valores que se definirá en las próximas semanas. "Luego cada productor hará sus números y determinará si le es rentable hacer un ternero entero o un novillo de cuota".

Especialista elogió homogeneidad de ganado uruguayo

18/08/2018 - La presidente del departamento de Carnes de Select Sires estuvo en Uruguay y confesó que quedó gratamente impresionada con lo que vio.

Nacida en un campo chico en Kansas, donde estudió genética, Lorna Marshall en la actualidad, junto con su esposo, tiene un rancho en Colorado donde crían Angus y Simangus. "Para ese clima árido, buscamos animales con frame moderado, de fácil engorde, que se puedan adaptar bien a ese ambiente", dijo en conversación con El País. Y agregó que buscan "súper madres", que produzcan buenos animales que se adapten a estas condiciones. Sus toros, venden 130 por año en su remate, cotizan a razón de entre 5 y 7.000 dólares promedio.

Marshall se formó en ciencias animales, e hizo un master en producción animal y desde hace más de 20 años está en el rubro, donde tras desempeñar su tarea en varias empresas, ahora dirige el sector carnes en Select Sires.

Impresionada.

Acompañada por el Ing. Agr. Pablo Barreto, representante de la compañía en Uruguay, recorrió diversos centros productivos ganaderos. "Quedé muy impresionada con la funcionalidad y adaptación del ganado en Uruguay", confesó como resumen.

Destacó el trabajo que desarrolla la Sociedad Criadores de Hereford "es muy valioso para el Uruguay y para la raza globalmente", dijo, agregando que "es increíble la homogeneidad de los animales en prueba en la Central (de Kiyú", pese a provenir de varios criadores". En ese sentido la especialista afirmó que "se nota un diferencial de sus técnicos involucrados".

Además visitó el establecimiento Curupy del Salvador, donde destacó que el Ing Agr. Lucas Gremminger "me permitió ver el negocio de la carne en su totalidad, ya que la empresa tiene todas las etapas de producción". Consideró que en dicho establecimiento "han hecho un buen trabajo al equilibrar el fenotipo y la funcionalidad, logrando un ganado diseñado para sobresalir en su sistema de producción al tiempo que incorpora datos de rendimiento para criar el ganado más rentable".

Eficiencia.

Lorna Marshall, que maneja todo el tema carnes en la compañía que está presente en 70 países y además es la encargada de comprar unos 50 toros por año, para ir renovando el plantel de unos 150 reproductores de carne, aseguró que ya sea que la atención se centre en la fertilidad o la eficiencia de la alimentación, la investigación en el ganado de carne continúa recopilando datos sobre características más importantes desde el punto de vista económico, "lo que solo hará que sus productores sean más eficientes y rentables".

Consultada acerca de qué criterios de compra utiliza, sostuvo que los toros se compran buscando que sean balanceados, o sea: con buen fenotipo y con números de EPD que reflejen que son toros funcionales. "Hay cualidades como buenas patas, que ayudará a que tenga facilidad de engorde, en las que me fijo mucho y que no se ven en los datos fríos". En ese sentido, la jefa de Select Sires se mostró entusiasmada por "haber visto de primera mano que disponemos de los toros, en todas las razas, que el mercado uruguayo nos demanda". Y aseguró que "seguiremos con criterios claros, buscando más opciones".

Genómica.

Otro punto que destacó Marshall es la herramienta de la información genómica, "un soporte muy grande para la toma de decisiones". Aseguró que la eficiencia de conversión, que en Angus está asociada a fertilidad, se apoya mucho en la genómica".

Consideró además que "a medida que continuamos desarrollando mercados globales, tener alguna forma de sistema de clasificación para sus carcasas de acuerdo con su calidad sería ventajoso, ya que le permitiría a sus productores dirigirse a más mercados de gama alta".

Como en Uruguay.



Finalmente resaltó la forma de producir, a cielo abierto, que vio en Uruguay. “En EEUU hay demanda muy grande de productos de cría natural, sin hormonas como acá”. Y aseguró que muchos productores se están cambiando a criar en una forma natural “porque es lo que pide el mercado consumidor: el producto todo natural buscando seguridad alimentaria”.

PARAGUAY

TAIWÁN aumentó la cuota cárnica de Paraguay a 20.635 toneladas anuales

20/08/2018 - El incremento quedará operativo en enero del 2019.

Paraguay fue habilitado para duplicar la cuota de carne vacuna exportada a Taiwán a partir del próximo año, confirmó el presidente del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa), Fredis Estigarribia.

Actualmente el contingente cuenta con un volúmen de 10.600 toneladas y desde el 1 de enero pasará a 20.635 toneladas. Esta operación significa para el país vecino un ingreso extra de US\$ 100 millones.

Estigarribia aseguró que la alta demanda de la carne paraguaya en Taiwán se debe al sabor del producto, de acuerdo a las informaciones que brindaron desde el país asiático.

Taiwán se posicionó como el sexto mayor comprador de carne bovina. En los primeros cinco meses del año demandó 2.313 toneladas por un valor de US\$ 10,6 millones.

CHILE auditará frigoríficos

26 de agosto de 2018 El Servicio Agrícola Ganadero de Chile iniciará mañana una auditoría a tres frigoríficos paraguayos, que habían sido inhabilitados a inicios de este año para exportar carne al mercado de este país.

Así anunció el presidente del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa), Fredis Estigarribia. Previa a la visita de las plantas, a las 9:00, habrá una reunión con los técnicos sanitarios de Chile en el local del Senacsa. Las industrias cárnicas que fueron suspendidas por Chile son Mussa, Frigomer e Ifpsa, todas del grupo Minerva, dijo el funcionario.

Las mismas fueron inhabilitadas por cuestiones de infraestructura inadecuada. Según Estigarribia, esas observaciones ya fueron subsanadas, por lo que confía en que los tres frigoríficos serán rehabilitados para exportar de nuevo al mercado trasandino.

Recordó que a mediados de julio había venido a nuestro país una delegación de técnicos sanitarios de Chile a hacer una auditoría. En esa ocasión habilitaron una planta y certificaron otras dos. “Ahora creo que ya vamos a pasar sin problemas esta auditoría, como ya pasamos la anterior”, manifestó.

Con la inhabilitación de varios frigoríficos por parte de Chile, ese mercado pasó a un segundo lugar como importador de carne vacuna paraguaya.

Creen factible rehabilitar frigorífico para exportación

29 DE AGOSTO DE 2018 | Chile es el que mejor paga por la carne paraguaya Técnicos sanitarios de Chile que inspeccionaron ayer el frigorífico Frigomerc afirman que las instalaciones están en condiciones para ser rehabilitada a la exportación de carne a su país. Chile es el destino de la carne paraguaya que mejor precio paga por la proteína roja.

“Siempre puede haber alguna observación mínima; pero sí, cumple con lo que se requiere para poder ser habilitado”, manifestó Patricio Bustamante, jefe de la misión del Servicio Agrícola Ganadero de Chile, tras inspeccionar ayer a la mañana el frigorífico Frigomerc, junto a Jaime Santibáñez.

La inspección es para verificar si se corrigieron los déficits de infraestructura que habían motivado, en febrero pasado, la inhabilitación de este y otros frigoríficos para exportar carne a Chile.

Bustamante explicó todo el proceso que hacen como parte de la auditoría del organismo sanitario a frigoríficos paraguayos.

Hoy la visita será al frigorífico Ifpsa, y mañana, a la planta cárnica Mussa.

El técnico chileno dijo que los informes serán analizados en Santiago de Chile, donde se decidirá respecto a la rehabilitación de los citados frigoríficos.

Por su parte, el gerente industrial de Minerva, compañía que administra el frigorífico Frigomerc, Leandro Protzen, cree que la planta será rehabilitada para exportar carne a Chile. Comentó que se hicieron varias mejoras con importantes inversiones para adecuar la planta a las exigencias sanitarias y de inocuidad de los mercados de la carne.

Señaló que en Frigomerc invirtieron más de 500.000 dólares, en tanto que la planta 8 está siendo sometida a un proceso de modernización, con inversión de US\$ 4 millones. También dijo que Minerva tiene los mejores procesos de tratamiento en la parte de medio ambiente.

Indicó que, de rehabilitarse Frigomerc para el mercado chileno, estarán industrializando 3.000 toneladas más.



El titular del Senacsa, Fredis Estigarribia, dijo que Chile es el mercado que mejor paga por la carne paraguaya.

Este año, Chile bajó al segundo lugar como importador de la carne paraguaya, después de liderar casi todo el año 2017. Este año es Rusia el país que más carne compra al Paraguay.

Causa de supuesta coima de frigorífico quedó congelada

23 de agosto de 2018 | tres industrias sancionadas traban pago de multas

La investigación penal por la coima que supuestamente pagó Jair Antonio de Lima, dueño del Frigorífico Concepción, a los entonces ministros Gustavo Leite (MIC) y Luis Gneiting (MAG, ahora ya fallecido) quedó congelada, según diversas fuentes. A su vez, tres industrias sancionadas traban el pago de multas. La Unidad Especializada de Delitos Económicos y Anticorrupción no avanzó en la investigación penal por la supuesta coima en torno al escándalo de contrabando de carne desde el Brasil, que salió a luz en mayo pasado.

Los fiscales del caso son Nelson Ruiz y Yolanda Portillo, y la adjunta es Alba Rocío Cantero, quienes hasta el momento no dieron informaciones nuevas.

Cuando el caso saltó a la luz a raíz de declaraciones de Carlos Trapani, extitular de la Asociación Rural del Paraguay (ARP), la Fiscalía había realizado diligencias sin abrir formalmente la causa. Sin embargo, luego se logró que Trapani ratificara los dichos en sede fiscal. Además, se tuvo la declaración testifical del expresidente de Senacsa Hugo Idoyaga, que coincidía con Trapani.

Sin embargo, averiguaciones hechas ayer en diversas fuentes, incluidas algunas cercanas a fiscalía, dan cuenta que el proceso está prácticamente “congelado”.

Traban pago de multas

Por otra parte, según información del Ministerio de Industria y Comercio (MIC), tres de los cuatro frigoríficos que fueron sancionados por importar ilegalmente carne vacuna del Brasil para “consumo interno”, pese a haberse allanado inicialmente, atacaron las resoluciones del MIC ante el Tribunal de Cuentas. Sólo el Frigorífico Guaraní SA, uno de los sancionados, ha cumplido con la totalidad del pago de la multa que le correspondió, de G. 379.603.073.

Por su parte, All Food SRL abonó la primera cuota de G. 400.000.000 y actualmente tiene pendiente el saldo de G. 588.144.957. Sin embargo, tras haberse allanado y pagar la cuota mencionada, recurrió ante el Tribunal de Cuentas, Segunda Sala, solicitando la suspensión de los efectos de la resolución sancionatoria.

Por otro lado, el ministerio indicó que Frigorífico Norte, sancionado con una multa de G. 3.864.077.630, también pidió el fraccionamiento de la deuda en 10 cuotas, de las cuales procedió a abonar las dos primeras, y se encuentra vencida la tercera cuota.

Finalmente, el Frigorífico Concepción, el más comprometido, que fuera multado con la suma de G. 16.517.089.741, había solicitado el fraccionamiento de la multa en 10 cuotas, de las que se hallan vencidas la segunda y tercera cuotas, que totalizan G. 3.303.417.984.

Nuevo ministro de agricultura: Fortalecer cadenas pecuarias

23 de agosto de 2018 El nuevo viceministro de Ganadería Marcelo González Ferreira buscará fortalecer las cadenas pecuarias de modo que los pequeños productores rurales accedan a tecnologías y aseguren mercados, de tal modo a generar ingresos que permitan mejorar la calidad de vida de sus familias.

Uno de esos rubros que apuntalará será la producción láctea del pequeño productor, indicó.

Ayer a primeras horas asumió oficialmente el cargo en un acto hecho en el Viceministerio de Ganadería en San Lorenzo. El ministro Denis Lichi le entregó el decreto respectivo. Asistieron presidentes de gremios de la producción, de cooperativas y entes cooperantes del viceministerio.

Lichi dijo a González que el gobierno del presidente Benítez deposita en él la responsabilidad de apuntalar la institución de tal modo a trabajar con todos los sectores.

El viceministro pidió a directores y funcionarios que lo ayuden a cumplir con integridad y honestidad la misión que asume.

“Tenemos un gran compromiso, ya que el país se encuentra viviendo un auge pecuario, abarcando también los sectores ganaderos como el avícola, ovino y porcino, que se están adhiriendo a todas estas cadenas y que tienen un potencial. Buscamos apuntalar esas cadenas, ver dónde tienen ese cuello de botella, debemos destrabar eso para que también se sitúen en un sitio importante dentro del mercado internacional”, puntualizó.

ESTADOS UNIDOS



BSE: confirman un caso atípico en el estado de Florida

August 29, 2018 The Florida cow diagnosed with atypical BSE did not enter the food supply. (U.S. Department of Agriculture)

The USDA, on August 29, 2018, confirmed a case of atypical Bovine Spongiform Encephalopathy (BSE) in a six-year-old beef cow in Florida. Based on past history and international agreements, this atypical case should not affect beef exports or our negligible-risk status with the World Organization for Animal Health (OIE).

This case resembles an atypical BSE diagnosis in an Alabama cow in July 2017. The Alabama case, like this one, helped demonstrate the effectiveness of the U.S. surveillance system and had minimal impact on beef trade.

In 2015, the OIE determined that atypical BSE occurred spontaneously at a low rate in all cattle populations and would be excluded when determining BSE risk.

Atypical or sporadic BSE appears to occur spontaneously in a very small percentage of cattle, usually older animals, in contrast with classical BSE, which is associated with cattle consuming feed contaminated with transmissible prions from other ruminant sources. Prevalence of atypical BSE is not known and because of its rarity, would be difficult to quantify without massive testing. Scientists believe though, that the disease affects fewer than one in one million cattle.

This is the nation's 6th detection of BSE according to the USDA. Of the five previous U.S. cases, the first, in 2003, was a case of classical BSE in a cow imported from Canada; the rest have been atypical BSE.

Bans on use of risky animal-derived feed ingredients, in the United States and internationally, have dramatically reduced the incidence of classical BSE. The condition was first recognized in the United Kingdom in 1986, and by 1992 was affecting approximately 30,000 cattle per year in the UK. Exports of live cattle and bovine meat and bone meal from the UK resulted in BSE spreading across Europe and worldwide.

In 1997, the FDA prohibited inclusion of mammalian protein in feed for cattle and other ruminants, and in 2009 the FDA strengthened the feed ban with prohibition of high risk tissue materials in all animal feed.

COREA DEL SUR impondrá mayores controles en los embarques

August 30, 2018 South Korea is taking steps to reinforce its sampling methods for inspection of U.S. beef imports after the discovery of an atypical case of bovine spongiform encephalopathy (BSE) in a six year-old mixed-breed beef cow from Florida.

The Ministry of Agriculture, Food and Rural Affairs for South Korea plans to increase inspection samples from the current 3% to 30% for all U.S. beef imports. The inspection process requires packages to be opened, with meat defrosted and cut into for a detailed check.

South Korea already requires that imported U.S. beef come from cattle younger than 30 months of age to reduce specified risk materials (SRM). Also, there are no packing plants in Florida that are approved for export to South Korea.

"We are taking pre-emptive measures and put public safety as a top priority," says Agriculture Minister Lee Gae-ho. "We need to consult with the U.S. government to promptly receive quarantine inspection results and closely monitor responses in other nations."

There have been six cases of BSE in the U.S. since 2003. The only case that was the classical BSE came in 2003 when an imported cow from Canada was detected with the disease.

BSE is not contagious and exists in two types - classical and atypical. Classical BSE is the form that occurred primarily in the United Kingdom, beginning in the late 1980's, and it has been linked to variant Creutzfeldt-Jakob disease (vCJD) in people. The primary source of infection for classical BSE is feed contaminated with the infectious prion agent, such as meat-and-bone meal containing protein derived from rendered infected cattle. Regulations from the Food and Drug Administration (FDA) have prohibited the inclusion of mammalian protein in feed for cattle and other ruminants since 1997 and have also prohibited high risk tissue materials in all animal feed since 2009.

"Consumers can rest assured that the U.S. continues to be the global leader in the production of safe and wholesome high-quality beef," says National Cattlemen's Beef Association (NCBA) chief veterinarian Kathy Simmons.

In 2008, an estimated 100,000 people in South Korea protested the decision to start importing beef from the U.S. again following a halt in imports after the 2003 case.

Since the reopening of the market, South Korea has become the 2nd largest export destination for U.S. beef on a value basis. In ten years South Korea has turned into more than a billion export market after buying less than \$300 million in U.S. beef during the first two years of the market opening back up. Last year South Korea bought \$1.22 billion worth of beef from the U.S., according to the U.S. Meat Export Federation (USMEF).



The South Korean market has also been one of the largest increasing exports markets this year. From January to June export values to South Korea have increased by 52% compared to the same time last year. For the first half of 2018, South Korea has accounted for more than \$802 million in beef trade for the U.S., the only market larger is Japan.

Guerra Comercial: Trump amenaza con \$200 mil millones de aranceles a CHINA

Bloomberg August 30, 2018 President Trump appears ready to impose tariffs on \$200 billion in Chinese imports as soon as a public-comment period concludes next week. (MGN)

(Bloomberg) --

President Donald Trump wants to move ahead with a plan to impose tariffs on \$200 billion in Chinese imports as soon as a public-comment period concludes next week, according to six people familiar with the matter.

Companies and members of the public have until Sept. 6 to submit comments on the proposed duties, which cover everything from selfie sticks to semiconductors. The president plans to impose the tariffs once that deadline passes, according to the people familiar with the matter, who spoke on condition of anonymity because the discussions aren't public.

Stocks fell on the news, with the S&P 500 testing the key 2,900 level. The offshore yuan dropped to the day's low, while the dollar and the yen gained amid a flight to safety. The tariff news exacerbated already fragile market sentiment amid currency routs in Argentina and Turkey.

Some of the people cautioned that Trump hasn't made his final decision, and it's possible the administration may enact the duties in installments. The U.S. has so far imposed levies on \$50 billion in Chinese goods, with Beijing retaliating in kind.

It's also possible the president could announce the tariffs next week, but say they will take effect at a later date. The Trump administration waited about three weeks after announcing in mid-June that it was imposing tariffs on \$34 billion of Chinese goods before they were implemented. The next stage of tariffs on \$16 billion of goods took hold in August.

Trade Escalation

The imposition of the \$200 billion tranche would be the biggest so far and would mark a major escalation in the trade war between the world's two largest economies. It is likely to further unnerve financial markets that have been concerned about the growing tensions. China has threatened to retaliate by slapping duties on \$60 billion of U.S. goods. The Trump administration is finalizing the list of Chinese targets and tariff rate, which could range from 10 percent to 25 percent, following six days of public hearings earlier this month.

Trump's plan to bring down his biggest hit yet on China comes as two-way trade talks show little signs of progress. Discussions between U.S. and Chinese officials last week in Washington yielded few results, thwarting hopes for a quick deal.

China Hawks

The move comes as China hawks have been on the ascendancy in the Trump administration. One of them -- U.S. Trade Representative Robert Lighthizer -- has been responsible for one of the president's biggest trade victories so far by forging a bilateral trade deal to replace Nafta with Mexico. The deal was announced on Monday and Canada is now negotiating to join.

The latest China tariff decision is causing heated debate within the administration, with Lighthizer and White House trade adviser Peter Navarro pushing for quick action, and Treasury Secretary Steven Mnuchin and White House economic adviser Larry Kudlow arguing for more time, according to people familiar with the matter.

Trump cut off negotiations with China because of what he perceives as Beijing's lack of cooperation in nuclear talks with North Korea, one of the people said. The president wants to squeeze China, believing the U.S. has leverage over Beijing, that person said.

Trump on Wednesday accused China of pressuring North Korea not to bend in nuclear negotiations with the U.S. But he insisted that the trade differences would be resolved.

"As for the U.S.-China trade disputes, and other differences, they will be resolved in time by President Trump and China's great President Xi Jinping. Their relationship and bond remain very strong," Trump said on Twitter.

Edward Alden, a senior fellow at the Council on Foreign Relations in Washington, said that Lighthizer's Nafta successes were strengthening his hand with the president. That raised the possibility that after months of being passed around various figures in the administration, the talks with China could finally end in the hands of one of its most able negotiators and influential China hawks.

If the president "hands the China file to Lighthizer, there's a chance of real progress," Alden said. Nafta "is clearly a personal triumph for Lighthizer. He did this deal."

Putting him in charge of China talks, were it to happen, "at least opens the door to a serious negotiation with China which we have not seen yet," Alden added.



Mayor producción de animales en feed lots y faena

Derrell Peel, Oklahoma State University Extension August 29, 2018 The latest USDA cattle on feed report shows the August 1 feedlot inventory was 11.09 million head, up 4.6 percent from one year ago. This is the largest August on-feed total in the cattle-on-feed data series going back to 1996. The August total is down from the previous month following the typical seasonal tendency of feedlot inventories to bottom in September before climbing in the fourth quarter. The twelve month moving average of cattle on feed (which removes the seasonality of feedlot inventories) is currently at the highest monthly level since September of 2012.

July feedlot placements and marketings were both above year ago levels, in part due to an extra business day in July 2018 compared to last year. Placements were 107.9 percent of last year, at the upper end of the range of pre-report estimates. Most of the year over year increase in July placements was cattle weighing less than 700 pounds, with these lighter weight placements accounting for 82.7 percent of the total placement increase. It's possible that some of the increase in lightweight placements was due to drought-related early sales of feeder cattle. Total feedlot placements for the first seven months of 2018 are close to year ago levels, up 0.2 percent for the year to date.

Feedlot marketings were 105 percent of year earlier levels and, when adjusted for the extra July day this year, daily average marketings were equal to last year. Total feedlot marketings for January through July are up 2.9 percent year over year. The twelve month moving average of feedlot marketings is at the highest level since October 2011.

Feedlot marketings have outpaced placements this year which is helping hold monthly feedlot inventories in the range of four to five percent higher year over year since May. Feedlots have remained current this year continuing a strong performance that began in 2017. A 13 pound drop in steer carcass weights in 2017 illustrates feedlot timeliness that helped offset larger cattle slaughter last year. While steer carcass weights are up 5.3 pounds for the year to date, carcass weights are up only 1.75 pounds year over year in the past eight weeks, indicating that feedlots, in general, remain current.

Heifer carcass weights are up 8.4 pounds so far this year after declining by 11 pounds in 2017. Heifer carcass weights continue to grow relative to steers, up 8.25 pounds year over year for the last eight weeks. The annual average (twelve month moving average) of heifers as a percent of steer carcass weights has pushed to new record highs each of the last three months.

Total cattle slaughter is up 3.2 percent for the year to date, led by continued sharply higher female slaughter. Heifer slaughter is up 8.5 percent year over year for the first 32 weeks of the year while beef cow slaughter is up 11.5 percent thus far. Dairy cow slaughter is up 4.1 percent year over year and is creeping higher recently. Heifer slaughter will likely show less year over year increase for the remainder of the year compared to large end of year slaughter in 2017 but will likely remain up four to five percent for the year. Steer slaughter continues to run slightly below the large year ago levels; down 0.9 percent for the year to date. Steer slaughter will likely be up year over year for the remainder year and finish with an annual total above last year. Year to date beef production is up 3.2 percent in 2018 with modest increases in steer beef production moderating increased slaughter and carcass weights of heifers and cows.

August 24, 2018 Cattle on Feed reaches nearly 11.1 million head, the highest mark reached for August since USDA began the series in 1996. (Wyatt Bechtel)

Nearly half a million more cattle were added to feedlots since August last year.

According to the latest USDA Cattle on Feed report, the 4.6% increase in the Aug. 1 inventory resulted in 11,093,000 cattle in feedlots. The 489,000 additional cattle resulted in the highest inventory for August since the 1996 report began.

Despite the year-over-year increase the amount of cattle on feed fell by 194,000 head since July 1, a drop of 1.7%.

Placements for July reached 1.74 million head, a rise of 7.9% compared to the same time in 2017. The most popular class of cattle to be placed were 700-799 lb. followed closely by calves weighing less than 600 lb. The placements went as follows:

700-799 lb. = 415,000 head

Less than 600 lb. = 410,000 head

800-899 lb. = 367,000 head

600-699 lb. = 290,000 head

900-999 lb. = 175,000 head

1,000 lb. and greater = 85,000 head

Fed cattle marketing for July was up 5% since last year with 1.87 million head going through packers.

State-by-state the largest gains for cattle on feed inventory were seen in the Southwest with Arizona and California both seeing a nearly 22% increase from 2017. The state to see the biggest drop in percentage was South Dakota at approximately 9%.



The top five cattle feedlot inventory states are as follows:

Texas 2,720,000 head

Nebraska 2,330,000 head

Kansas 2,230,000 head

Colorado 890,000 head

Iowa 700,000 head

No states reported a gain in inventory from July to August.

Ciclo ganadero: se desacelera la retención de hacienda

22 August 2018 As the cattle herd in Australia shifts towards contraction, a similar scenario is playing out in the US, as both nations face drought conditions in key beef producing regions.

At this stage, the market sentiment points towards a slowdown in the expansion of the US herd as opposed to liquidation; however, the sustained dry period continues to present uncertainty as to when the expansion phase will halt.

Non-fed cattle slaughter in particular has evidenced the impact of the dry conditions in the US but also weaker than expected dairy prices have pushed more dairy cows to market recently. Total cow slaughter in the first half of the year was up 7.8% compared to a year ago, with dairy cow slaughter up 4.9% and beef cow slaughter 11% higher than last year.

For the first six months of the year, fed cattle slaughter tracked 2.5% higher, at 12.7 million head. Steer slaughter remained stable compared to the year prior, however heifer slaughter was elevated close to 8%. Furthermore, as a percentage of the total kill, female slaughter (on a rolling 52-week basis) sits at 46.7%, a clear indication that the expansion phase in this cattle cycle is coming to an end. Industry commentators note that if the current trends persist, a modest decline in the beef cow herd could be expected by next US summer, with a peak in the current cattle cycle occurring a year later.

Current US weekly cattle slaughter estimates continue to show year-on-year increases, as the large feedlot inventory – a function of a larger calf crop – and robust beef demand are keeping marketing rates current. For the week ending August 18th, total cattle slaughter estimates were 660,000 head, 4% higher than last year. Seasonally, turnoff lifts at this time of year in the build up to the Labour Day holiday (3rd September). The USDA will publish their latest feedlot inventory report later this week. Steiner Consulting Group forecast placements to increase close to 4% from last year, and marketings in July are projected 5% higher.

US imported beef

US imported beef prices edged lower this week as end users take a back seat in recognition of limited overseas supplies. A combination of New Zealand supplies nearing a seasonal low and robust demand from Asian markets for Australian beef underpins the supply constraints for imported grinding beef.

The imported 90CL beef indicator edged 1US¢ lower this week to US191.5¢/lb CIF (up AUD5¢ at AUD580.55¢/kg CIF).

Prices for fat beef trimming, in particular 50CL (chemical lean), has seen significant price increases in the last few weeks. The market sentiment attributes this to sharp price declines earlier in the summer, as the expectation for an oversupply of fat trimmings was priced into the market. However, ground beef demand throughout the summer has been buoyant and retailers appear intent to feature ground beef extensively in the lead up to the Labour Day weekend.

Market highlights for the week ending 17th August:

Fat trim prices have increased sharply as spot supplies are limited and some end users are now short following the sharp decline in June.

Spread of African swine fever in China could lead to significant supply disruptions and a decline in demand for pork, both factors that could bolster demand for beef in China.

La industria porcina, afectada por la guerra comercial entre EEUU y China

Agosto 22, 2018 El precio de la mezcla de granos para alimentar a los cerdos subió desde que las aduanas chinas impusieron tasas adicionales del 25%

Jia Tiechui, un ganadero de cerdos del centro de China, alimenta a sus 18.000 cabezas con soja. Pero satisfacer el voraz apetito de los mamíferos cada día es más costoso a causa de la guerra comercial entre Pekín y Washington.

El precio de la mezcla de granos, compuesta en una quinta parte de soja, subió desde que las aduanas chinas impusieron en julio unas tasas adicionales del 25%, como medida de retorsión, a esas semillas procedentes de Estados Unidos.

La Casa Blanca prevé imponer el jueves nuevos aranceles a productos chinos, por lo que Pekín ha empezado a preguntarse cómo contestar al golpe sin penalizar demasiado a su propia economía nacional.



El gigante asiático es el mayor comprador de soja del mundo. La usa para fabricar aceite de cocina y para la alimentación animal. En 2017, un tercio de la soja que necesitó el país era importada de Estados Unidos.

Hasta ahora, el impacto de la guerra comercial "no fue drástico", declara el ganadero de cerdos Jia Tiechui delante de su granja, en Baiyang, en la provincia de Henan (centro-este).

Pero se verá obligado a utilizar un producto de sustitución para alimentar sus animales si los márgenes se reducen demasiado.

"Podemos sustituir la soja por semillas de algodón", explica, examinando las hileras de cerdas preñadas que gruñen, esperando su comida.

"Si los costes siguen subiendo, y siempre y cuando esto no dificulte el crecimiento de los cerdos, optaremos por un plan B".

Trump en el punto de mira

Jia Tiechu, nacido en una familia de cultivadores de maíz, solo tiene ahora una preocupación: el precio al que podrá vender sus cerdos. El coste de la alimentación es secundario.

"Cuando los precios de venta del cerdo son buenos, no es muy grave si el coste de los alimentos sube, pues nuestros ingresos no se verán muy afectados. Pero lo peor es cuando el mercado baja", explica.

China es el primer productor mundial de cerdos. Produce incluso demasiados. Y por ello, pese a la guerra comercial, los precios deberían continuar suficientemente bajos como para no afectar demasiado al bolsillo de los consumidores chinos.

Los precios tocaron su nivel más bajo en cuatro años a principios de 2018, antes de que en junio volvieran a subir, subraya Feng Yonghui, investigador para el portal web chino especializado en la industria porcina Soozhu.com.

Los aranceles de Pekín sobre la soja estadounidense pretenden penalizar, en realidad, al electorado rural del presidente Donald Trump, que son productores de la oleaginosa.

Sin embargo, los precios de la pulpa de soja subieron un 6,8% desde que se impusieron las tasas. La tonelada pasó de costar US\$ 440 a finales de junio, a US\$ 471 en agosto, según el sitio especializado Soybean Pulp Industry Net.

Los expertos aconsejan a Pekín que tome medidas para reducir su dependencia de Estados Unidos, como cultivar más soja en el país, diversificar sus fuentes de abastecimiento o promover sustitutos.

Soja brasileña y argentina

Según Ma Wenfeng, analista del gabinete Beijing Orient Agribusiness Consultancy, la producción nacional de soja podría aumentar en 2 millones de toneladas en 2018.

Pero Pekín no podrá prescindir totalmente de Estados Unidos, pues el resto del mundo no produce suficiente soja como para satisfacer todas las necesidades chinas.

China importará más de Brasil y de Argentina, pero también podría comprar soja estadounidense a través de terceros países como Vietnam, considera Feng Yonghui.

En su granja del centro de China, el ganadero Jia Tiechui afirma que "no presta atención" a la guerra comercial.

"Es competencia del gobierno. No tenemos ni idea de todo eso", explica.

Y mantiene la esperanza: con el sistema automatizado de distribución de alimentos que instaló este año, solo necesita a 20 personas en la explotación.

VARIOS

CANADA: existencias de bovinos bajan 0.8 por ciento

August 29, 2018 The cattle herd in Canada fell by 100,000 head with beef cows seeing the largest drop in herd numbers. (Canadian Cattlemen's Association)

The Canadian cattle mid-year inventory dropped by 100,000 head since last year.

According to USDA's latest mid-year inventory for Canada and the U.S., there are 12,435,000 cattle total in Canada as of July 1, 2018. The total inventory has dropped approximately 0.8% since the same time last year.

The beef cow herd accounted for a large portion of the drop with 45,100 fewer beef cows on July 1. There are currently 3,726,000 beef cows. The beef cow inventory is at its lowest mark since 2015 when there were just 3,706,400 cows.

In terms of cattle categories beef replacement heifers saw the largest drop in percentage with a decline of 2.7%. At the moment, Canada has 669,900 beef replacement heifers.

Most of the beef replacement heifer disappearance can likely be attributed to heifers entering feedlots. There was a 2.7% increase in the "other heifer" category for heifers one year or older, which would predominately be feedlot heifers.



Steers one year or older, which would predominately be feedlot and stocker cattle, dropped by 1.3% to 1,529,100 head. The yearling steer total is the lowest mid-year inventory since 1999 when the report started.

Calves younger than a year also fell by 1.3%. The total calf inventory was at 3,994,200 head for July 1.

Canada saw little change in its bull battery with bull one year or older only falling by 1,000 head to a total of 222,500 bulls.

The drop in Canada's cattle herd comes at a time when drought in the western provinces has forced culling for ranchers in areas like Manitoba. This has resulted in the highest level of cattle imported to Canada from the U.S. in 16 years, according to a recent report by Reuters.

One Canadian cattle sector seeing an increase is the dairy industry.

A total of 969,700 cows were accounted for in Canada on July 1, 2018, an increase of 1.4% from the same time last year. The last time Canada had a higher July 1 total was in 2008 when 971,800 dairy cows were in the inventory. Canada's July 1 dairy inventory has risen the past two years after being on a downward trend following 2008. The low point in the Canadian dairy cow inventory was reached in 2016 when just 942,400 head were accounted for.

Expansion of the Canadian dairy herd could be slowing though as the replacement herd dropped by 2,100 heifers from last year. There are currently 435,500 dairy replacement as of July 1. This year's replacement heifer count is the lowest since 2015 when there were just 433,600 heifers.

CHINA : proveedores de Mercosur aumentan su importancia como proveedores de carne bovina

29 August 2018 Australia is facing greater competition in key exports markets, the flow-on effect of major beef producing nations recording rises in production.

US beef production has continued to climb throughout 2018, permitting exports to reach a record 980,000 tonnes swt in 2017-18. Increased US presence has been particular evident in North Asia – exports to Japan increased 16% in 2017-18 and shipments Korea were up 14% (roughly back on par with levels pre-discovery of BSE in the US).

Meanwhile, beef production in all major South American suppliers increased last year and the region is forecast to produce more beef over the next two years, further expanding their export footprint as a result. One likely recipient of additional supply from South America is China, one of Australia's fastest growing export markets so far this year.

So how did the South Americans perform in 2017-18?

Argentina

Argentina has been rebuilding its beef herd and exports after years of decline, with the latter supported by the removal of export taxes on agricultural products at the end of 2015 and a significant devaluation in the peso.

Regarded as a premium supplier of high quality beef in South America, exports from Argentina in 2017-18 totalled 265,000 tonnes shipped weight (swt), 53% larger than the previous year.

In the mid-2000s, Russia was the largest recipient of Argentine beef. However, following the policy-induced decline in trade after 2010, China has since emerged as Argentina's largest market. Beef exports to China in 2017-18 totalled 136,000 tonnes swt, more than double that of the year prior and accounting for 51% of total beef exports.

Moreover, the economy in Argentina is in the middle of a pro-market reform program, with the aim to reverse years of protectionism and high government spending. However, the prospect of recession appears inevitable with inflation above 20% and a recent lift in the benchmark interest rates to 45% – now the highest of any country in the world – in order to curb the sustained depreciation of the peso. Since the turn of the year, the Argentine peso has lost close to 40% of its value. A much weaker peso has made Argentine exports more competitive and supported demand from major trading partners.

Argentine beef exports in July totalled 31,600 tonnes swt, the largest calendar month since November 2009. Monthly exports to China surpassed 17,400 tonnes swt – a record for Argentine exports to this market. Furthermore, in early 2018, Argentina and China signed an agreement permitting the supply of chilled bone-in beef, making Argentina the only South American country allowed to supply chilled product to China. Despite no chilled shipments having yet eventuated, the prospect of greater competition from Argentine beef is ever present.

Brazil

Brazilian beef exports continued to rise during 2017-18, and shipments to China followed suit, supported by a production increase, strong Chinese import demand and favourable currency swings. A lack-lustre economy and sluggish domestic demand has also supported the increased availability of product for export. Brazilian beef exports during 2017-18 reached 1.2 million tonnes swt, up 20% year-on-year (even with the impact of the nation-wide trucker strike that saw June exports collapse). Exports to China lifted 40%, to 240,000 tonnes swt and the markets share of Brazil's exports increased from 17% to 19%. China



now ranks as Brazil's second largest market, behind Hong Kong, but the trade is entirely comprised of frozen commodity beef.

Uruguay

Uruguayan exports in 2017-18 were unchanged from the year prior, totalling 311,000 tonnes swt as beef production eased in the second half of the year. Uruguay's largest export market is also China, with 164,000 tonnes swt exported in 2017-18, an increase of 9% compared with last year. Similar to Argentina, more than half of all Uruguayan shipments are destined for China, at 53% of total exports in 2017-18. As a high quality producer in South America, Uruguay has opportunity to target high value beef markets, underpinned by a national cattle identification system, strict sanitary standards, and extensive transparency along the supply chain. However, with limited production growth and restricted access to some of Australia's higher value markets, competition from Uruguay for now is largely limited to China.

South American future trade

South America's political and economic landscape, and susceptibility to commodity markets and currency swings, creates an element of uncertainty for trade out of the region. However, with an increasing global appetite for beef, South America will play a significant role in meeting this demand and will continue to compete against Australian beef exports. Brazil, the beef powerhouse in the region, will continue to dominate the commodity market. However, Argentina and Uruguay are positioned to target higher value, even chilled, markets – with the former expanding under a liberalised export market, the latter constrained by supply, and both restricted by market access barriers. Meanwhile, ongoing negotiations between the EU and Mercosur (Argentina, Brazil, Uruguay and Paraguay) could see further competition in the future from this emerging bloc in one of the world's highest value markets.

JAPON: Importaciones de carne de Japón tocaron un máximo en 20 años

23 de agosto de 2018 Las importaciones japonesas de carne superaron el millón de toneladas en el primer semestre del 2018 por primera vez en 20 años.

Las compras de carne vacuna y aviar crecieron 2% interanual y sumaron 1,02 millones de toneladas entre enero y junio, informó el Ministerio de Finanzas a fines de julio.

Se trata del mayor volumen alcanzado en 20 años, luego del récord histórico alcanzado en 1988 (excepto 1996 cuando hubo una reducción de aranceles definidos en la Ronda Uruguay), informó The Japan Agriculture News.

Las importaciones de carne vacuna específicamente alcanzaron el nivel más alto desde el brote de encefalopatía espongiforme bovina en Japón, en 2001.

La producción local no ha podido satisfacer un consumo interno de carne que va en aumento, por lo que parte de ese crecimiento es cubierto por importaciones baratas y estables.

EMPRESARIAS

JBS USA crece en el mercado americano y apuesta al ASIA

22/08/18 - por Equipe BeefPoint Há onze anos morando na cidade universitária de Fort Collins, o fluminense André Nogueira já não se imagina voltando à terra natal. Egresso do mercado financeiro, o executivo migrou de Nova York ao Estado americano do Colorado em 2007 para ajudar a colocar de pé os planos dos irmãos Batista, donos da JBS. Inicialmente à frente da diretoria financeira da Swift, gigante de carne bovina que acabara de ser adquirida pela empresa brasileira, Nogueira assumiu uma operação que vinha perdendo em torno de US\$ 50 milhões por ano.

Em pouco mais de uma década, o cenário mudou completamente. No ano passado, os negócios sob o guarda-chuva da JBS USA – que inclui produção em toda a América do Norte, na América Central, na Europa e na Oceania – registraram o melhor resultado de sua história, com um lucro líquido de US\$ 2 bilhões, o que ajudou a aplacar a pressão financeira que se seguiu à delação premiada de Joesley e Wesley.

O ambiente favorável para a JBS nos Estados Unidos, sustentado pela combinação de maior oferta de gado bovino e economia americana aquecida, reforçam a visão de Nogueira, que preside a JBS USA, de que a companhia brasileira apenas começou a colher os frutos da reestruturação deflagrada em 2007. A expectativa dele, já declarada na semana passada a analistas, é que o negócio de carne bovina nos EUA – o mais importante para a JBS – seguirá entregando bons resultados ao menos até 2021.

O momento positivo reforça a percepção de que, mais cedo ou mais tarde, a empresa fará a abertura de capital de suas operações fora do Brasil na bolsa de Nova York. Não à toa, a JBS USA mantém um conselho consultivo composto por figuras proeminentes como o ex-presidente da Câmara dos Representantes dos EUA, John Boehner, e o ex-presidente da Securities and Exchange Commission (SEC), Harvey Pitt.



“É um time forte que se um dia, ou quando a empresa fizer o IPO, será a base do conselho de administração”, disse Nogueira em entrevista a jornalistas em Greeley, no Colorado, sede da companhia nos Estados Unidos.

O IPO, que acabou adiado depois da delação dos irmãos Batista, é uma operação com potencial para “destravar” o valor de mercado da JBS e conferir uma dimensão mais precisa sobre o que a companhia se tornou nesses últimos dez anos. Atualmente, a empresa fatura cerca de US\$ 55 bilhões por ano, e aproximadamente 80% desse montante é gerado pelos negócios da JBS USA, de acordo com o executivo.

“Não existe nenhuma empresa como um parque fabril como o nosso”, ressaltou Nogueira. A declaração é justificada pelo presidente da JBS USA com dados financeiros e geográficos. Entre as maiores companhias do segmento, não há outra que tenha tamanha relevância em todas as carnes (bovina, suína, frango e cordeiro) e, ao mesmo tempo, seja líder em mais de um grande país produtor de proteínas animais.

Importante concorrente e também diversificada em proteínas, a americana Tyson Foods está praticamente restrita aos EUA – com a recente aquisição da Keystone, terá também produção de carne de frango na Ásia, mas o negócio, ao menos inicialmente, será pouco representativo nas vendas. Por sua vez, a brasileira Marfrig e a chinesa WH Group são relevantes globalmente, mas só em uma proteína – carne bovina e carne suína, respectivamente.

Com essas operações, Nogueira acredita que a JBS é a empresa mais bem posicionada para abastecer a crescente demanda da Ásia. Hoje, cerca de 15% das vendas da empresa são destinadas àquele continente. “As vendas na Ásia são de US\$ 8 bilhões. Ninguém vai estar nem perto disso”, disse Nogueira. Em alguns mercados, a companhia é absolutamente dominante.

Hoje, 25% da carne bovina consumida pelos japoneses é da JBS. A companhia exporta ao Japão a partir de suas operações nos EUA, na Austrália e no Canadá. O Brasil não tem autorização para vender ao país asiático.

A demanda japonesa aquecida tem sido uma das alavancas para os bons resultados da JBS nos EUA. Em julho, a companhia exportou 30% da carne bovina que produziu nos EUA, um recorde, destacou o executivo. Ao lado de Tyson e Cargill, a JBS divide a liderança da produção de carne bovina nos Estados Unidos, com 25% do abate de bovinos no país.

Além das exportações – em termos gerais, os americanos só perdem para o Brasil no volume de carne bovina comercializada internacionalmente -, a JBS vem se beneficiando do pleno emprego nos EUA. “A correlação entre crescimento econômico e consumo de carne bovina é alta”, observou Tim Shellpeper, um dos principais executivos do negócio de carne bovina da JBS USA.

Por outro lado, o crescimento da oferta e do consumo de carne bovina nos EUA pode se refletir negativamente nos negócios de frango e, principalmente, no de suínos, que foi afetado pelas tarifas impostas por México e China no âmbito das disputas comerciais travadas por esses países com a administração do presidente americano Donald Trump.

Segundo Nogueira, a grande fonte de preocupação é o México, maior destino das exportações de carnes da JBS nos EUA. No caso chinês, o Brasil é o principal fornecedor de frango e carne bovina, o que atenua o impacto da tensão comercial com os americanos.

Escala colabora para impulsionar resultados nos EUA

Toda semana, a JBS abate cerca de 600 bois no “pequeno” frigorífico que tem em Omaha, no Estado americano de Nebraska, para a produção de carne bovina orgânica. Se estivesse no Brasil, o abatedouro com capacidade para processar 1,1 mil cabeças ao dia no total seria considerado uma grande unidade. Nos EUA, trata-se da menor planta da JBS.

A comparação entre as operações de carne bovina da JBS nos Estados Unidos e no Brasil dá uma ideia do quão diferente são as escalas dos dois negócios. Considerando apenas os negócios de gado bovino criado especialmente para abate, carro-chefe da JBS USA, o faturamento é da ordem de US\$ 10 bilhões (cerca de R\$ 40 bilhões), de acordo com o presidente da companhia nos EUA, André Nogueira.

Como um todo, a JBS USA Beef – que inclui os negócios na Austrália e no Canadá -, tem receita líquida de US\$ 22 bilhões. No Brasil, a receita líquida anual do negócio de carne bovina supera R\$ 25 bilhões.

Os três frigoríficos de referência da empresa nos EUA, em Greeley (Colorado), Cactus (Texas) e Grand Island (Nebraska), têm capacidade para abater 6 mil bovinos ao dia. No Brasil, a maior planta, em Campo Grande (MS), não chega a abater 3 mil bois. O rendimento de carne por boi também é muito diferente: 300 quilos de carcaça por animal no Brasil e mais de 350 quilos nos EUA.

A produção de carne bovina nos EUA é concentrada em poucos frigoríficos porque o gado fica em uma área menor – alojados em confinamentos. No Brasil, por outro lado, os frigoríficos são de menor porte e o gado está mais espalhado. Economicamente, só faz sentido comprar bois em um raio de cerca de 300 quilômetros. Além disso, o confinamento não é a regra na pecuária brasileira. Apenas 10% do volume de gado abatido ao ano é oriundo do sistema intensivo de engorda.



Essas diferenças entre a pecuária dos dois países ajudam a explicar por que no Brasil a JBS, que é líder, tem mais de 35 frigoríficos. Nos EUA, são apenas nove abatedouros – quatro destinados ao abate de gado bovino criado nos confinamentos especialmente para o abate (“fed beef”) e as outras para o descarte de vacas (“regional beef”). Segundo Nogueira, o negócio é assim separado porque os animais estão localizados em regiões diferentes. Os frigoríficos que abatem mais vacas estão nas regiões de pecuária leiteira.

Também há diferenças nas vendas de carne no varejo. Nesse caso, no entanto, o Brasil está mais avançado. “Há menos marca de carne bovina nos Estados Unidos do que no Brasil”, disse o executivo da JBS, empresa pioneira em marcas de carne no mercado brasileiro com a Friboi.

De acordo com Nogueira, as marcas próprias das redes varejistas dominam o mercado americano, sobretudo no segmento de “case ready” – carne na bandeja, segmento muito forte nos Estados Unidos pela importância da carne moída nas vendas no país. Atualmente, 50% da carne bovina comercializada nos EUA se dá na forma de carne moída, disse o executivo.

Marfrig redujo su valor de mercado después de la venta de Keystone

20/08/18 - por Equipe BeefPoint As ações da Marfrig Global Foods fecharam em queda hoje de 9,3% na B3, o que levou o valor de mercado da companhia a cair R\$ 398 milhões, para R\$ 3,877 bilhões, após o Valor PRO informar, antes da abertura do pregão, que a empresa fechou a venda da Keystone Foods à Tyson Foods por US\$ 2,5 bilhões.

Assim que o pregão abriu, as ações dispararam e chegaram a marcar ganho superiores a 8%, liderando os ganhos do Ibovespa. Antes do meio dia, porém, o movimento mudou de direção e as ações começaram a cair, aprofundando as perdas nos últimos minutos.

Até o momento, a Marfrig ainda não publicou fato relevante na Comissão de Valores Mobiliários (CVM) sobre a transação.

O valor da venda, apurado pelo Valor, ficou abaixo do que a companhia esperava levantar com a venda do negócio, de US\$ 3 bilhões.

August 27, 2018 Analysts claim Marfrig's financial leverage will remain elevated even after the recent sale of assets aimed at reducing debt load. (Marfrig Global Foods and National Beef Packing Co.)

Investors in Brazilian meat packer Marfrig Global Foods SA were described as “fuming” over the fine print in a \$969 million deal that purchased 51% of National Beef Packing Co.

According to a Bloomberg report, that fine print gives owners of the remaining 49% of National Beef the right to demand Marfrig buy their shares at “fair value” after a lock-up that ends five years from now. The potential liability never appeared in any of Marfrig's public filings and was only brought to light earlier this week by S&P Global Ratings. It was subsequently confirmed by Marfrig on Thursday.

Originally, Marfrig investors were happy with the National Beef purchase news and the fact the company aimed to substantially cut its debt levels. The first step in reducing that debt came last week as Marfrig announced it was selling chicken-nugget maker Keystone Foods LLC to Tyson Foods Inc. for \$2.5 billion.

Now, the revelation adds to concerns that Marfrig's leverage will remain elevated even after the Keystone sale. Bloomberg reported Marfrig managers have committed to cutting net debt to as low as 2.2 times earnings before interest, taxes, depreciation and amortization by year-end, but S&P sees the ratio closer to 4 times in 2018 and 2019. The National Beef put option combined with other items add about 5 billion reais to Marfrig's liabilities, S&P said in a report.

The case adds to a track record of governance issues and lack of transparency that has undermined investors' confidence in Brazilian meat companies, Soummo Mukherjee, an analyst at Mizuho Securities USA in New York, told Bloomberg. “Creditors typically apply a discount to these bonds.”

According to Marfrig's press office, the National Beef deal assures Marfrig's capital structure will remain intact until at least 2023, and minority shareholders will be able to sell no more than a third of their shares a year after that. Marfrig also said 15% of National Beef is owned by ranchers with long-term supply contracts with the meatpacker, and they chose not to sell their interest during the Marfrig transaction.

Marfrig never intended to hide any information from investors, according to Chief Financial Officer Jose Eduardo Miron. The put terms had been protected by confidentiality terms until the biggest minority shareholder, Leucadia National Corp., was compelled to disclose it in a little-noticed filing in June, Miron said.

Inversión en el Frigorífico Florida puede alcanzar los US\$ 11 millones

31 de agosto de 2018 Tras ocho años sin actividad, la reapertura de la planta permite que Florida disponga de una vía de procesamiento y salida para su producción

Con una inversión que puede alcanzar los US\$ 11 millones, Frigorífico Florida –a poco más de un año del inicio de la remodelación de su complejo industrial– planea a corto plazo elevar la faena diaria a cerca de 400 vacunos y generar trabajo para unas 300 personas.



Luego de casi ocho años sin producir, en junio de este año esta industria –ícono de la actividad productiva del departamento– reanudó la actividad.

La planta cerró en 2010. En 2014 la adquirió uno de sus actuales propietarios, el grupo venezolano Zambrano. Durante un par de años se estudió la viabilidad de la reforma necesaria y la puesta en marcha de la actividad. En junio de 2017 comenzaron las obras de remodelación y el pasado 19 de junio se realizó la primera faena de este nuevo período de la empresa.

Las inversiones ya realizadas rondan los US\$ 9 millones y se prevé que las obras sigan hasta fin de año, por lo que se podría llegar a invertir US\$ 2 millones más.

Ya hay más de 100 personas trabajando, estimándose que cuando esté funcione a pleno serán unas 300 personas.

El 51% de las acciones de la empresa pertenecen a capitales chinos y el restante 49% es del mencionado grupo venezolano.

Otras inversiones asiáticas ya tienen presencia en este tipo de emprendimientos. El grupo Foresun Group es propietario del frigorífico Rosario y Sundiro Holding lo es de Lorsinal en Melilla. También el grupo japonés NH Foods es dueño del 100% del paquete accionario de BPU en Durazno.

Coyuntura compleja

Jorge Carro, gerente del Frigorífico Florida, dijo a El Observador que el negocio ganadero hoy está en medio de una coyuntura compleja, con una situación regional que obviamente a la industria no la favorece, básicamente por lo precios de los competidores cercanos como Brasil, Paraguay y Argentina. Añadió que el ganado tanto en Argentina como en Brasil “es muchísimo más barato que en Uruguay”.

Además, “las ventajas en los mercados que tenemos con el resto tampoco son tan grandes como las de años atrás”, expresó.

En ese sentido, para adelante visualiza un desafío realmente muy importante. “Hay que ver cómo se busca la rentabilidad y la viabilidad de los negocios teniendo en cuenta este escenario”, señaló.

También puntualizó que la industria frigorífica local en general tiene un costo productivo –mano de obra y energía– muy alto respecto a la competencia regional, con un costo que normalmente ronda el 20% o 25% en la estructura total de costos.

Crecimiento de la faena

La capacidad en los corrales del frigorífico es de 480 cabezas. La industria procesa solo vacunos, en el eje de 350 cabezas semanales, aunque esperan para fin de año faenar alrededor de 370 a 380 reses, pero por día.

La materia prima procede, básicamente, de una distancia de hasta 100 kilómetros desde la planta y los abastecedores son productores o consignatarios, ya que no tiene producción propia ni encierres de ganado feedlot, como sucede en otros complejos.

La remodelación se enfocó especialmente en los sectores productivos como la faena, el desosado, la sala de máquinas y la caldera.

Además, toda la instalación eléctrica y de agua es nueva.

Básicamente a esos sectores fue a donde se apostó la inversión que permite que hoy que la planta tenga accesos nuevos, cámaras, vestuarios y comedores.

Con la mira puesta en China

El frigorífico tiene habilitaciones para exportar carne a Brasil, Hong Kong, Sudáfrica, Trinidad y Tobago y Rusia. Para más adelante prevén incorporar a su listado de destinos habilitados a Estados Unidos y Europa. Es claro que China es una prioridad para la planta, pero su apertura depende de una visita que debe ser programada y coordinada en su momento. Tan es así que Frigorífico Florida espera poder abrir este mercado cuanto antes y que sea su principal canal comercial.

Por el momento no están especializados en ningún producto, aunque la idea es tener un perfil de venta para China, ya que sus propietarios son de este origen.

Actualmente el peso entre la exportación y el abasto se inclina mucho más al mercado interno.

Al momento no faenan con base en el rito Kosher. El mercado de Israel requiere de inversiones puntuales, tales como el cajón de noqueo, saladero de cuartos y otras obras asociadas al Kosher que serán estudiadas para ver si se realizan ahora, más adelante o directamente no se hacen.

Clave para Florida

Con un turismo poco desarrollado y un sector de servicios bastante decaído, para Florida el sector productivo es clave. Es un departamento netamente agropecuario, básicamente ganadero, con una prestigiosa producción de carne vacuna y ovina. Otro punto fuerte de la zona es el sector lechero, tratándose de la zona del país que produce más leche.

El sector forestal es otra rama significativa, en pleno crecimiento. Hoy Florida tiene más de 50 mil hectáreas de forestación y con un techo superior a 130 mil.

También hay sectores de menor escala, como el apícola y hay un incipiente sector de olivos. En Fray Marcos hay varios productores hortícolas. La producción de cerdos es importante, como la avícola, de huevos y pollos.



En ese marco, la reapertura del Frigorífico Florida es una bocanada de aire fresco para el departamento que tiene la posibilidad ahora de procesar su producción dentro de su área.

Florida tiene un aporte en las exportaciones uruguayas de base agropecuaria importante, pero lo que trasciende no es la realidad.

En una entrevista realizada por El Observador, Gonzalo Urioste, asesor y encargado de la gestión de programas y proyectos de la Dirección de Desarrollo Sustentable de la Intendencia de Florida, señaló que el departamento contribuye con un porcentaje determinado a las exportaciones, pero como en general los productos no se procesan allí, por ejemplo por falta de frigoríficos, se le adjudica la producción a los departamentos donde se hace la faena. De ese modo, no se refleja directamente lo que se produce en Florida. Por eso, de la mano de las fuentes de trabajo que genera, se le atribuye un alto valor a la puesta en marcha del Frigorífico Florida.

Respecto a la exportación en pie, un tema que ha generado grandes debates entre los distintos actores de la cadena agroindustrial de la carne, Jorge Carro consideró que, de alguna forma, “es una alternativa que tienen los productores respecto al tema de tener un mercado alternativo que no sea solamente acá”.

Sin embargo, sí cree que eso debería tener un techo.

“No se debería poder exportar todo lo que se quisiera. Porque eso va en desmedro de la producción nacional. Entonces, como todo, está bueno que haya una alternativa para toda la cadena productiva, pero a mi entender debería tener un límite”, opinó.